

Aprendendo com e pelo encantar das folhas

Flávio Henrique de Oliveira Santos

PPGE – UFMG, Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais

Lucas Rafael Germano Alves

UEMG - Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais

Breno Moreira

UEMG - Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais

Emmanuel Duarte Almada

UEMG - Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais

Aprendendo com e pelo encantar das folhas

Resumo:

No despertar das folhas (ewés, insabas) nos territórios tradicionais de matriz africana — terreiros — encontramos modos de saber e fazer singulares e dotados de axé (força vital). São modos de saber e fazer que agenciam formas de construir e perpetuar o conhecimento ancestral dos povos de terreiros. Neste sentido, o presente texto se debruça sobre o Projeto *Onã Ewê* o caminho das folhas nos terreiros de religião de matriz africana na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) desenvolvido no KAIPORA – Laboratório de Estudos Bioculturais da Universidade do Estado de Minas Gerais. Buscamos refletir sobre o encantar das folhas a partir de narrativas de autoridades tradicionais que corporificam os saberes oriundos dos terreiros. As experiências mediadas com e pelas folhas compõem a memória e (re)existência destes povos na diáspora.

Palavras-chave: Aprendizagem, Folhas, Terreiros, Vozes.

Aprendiendo con y a través del encanto de las hojas

Resumen:

En el despertar de las hojas (ewés, insabas) en territorios tradicionales de origen africano, conocidos como “terreiros”, encontramos singulares formas de saber y hacer dotadas de axé (fuerza vital). Estas formas de saber y hacer promueven la construcción y perpetuación del conocimiento ancestral de los pueblos de terreiros. En este sentido, el presente texto se enfoca en el Proyecto Onã Ewê: el camino de las hojas en los terreiros de religión de matriz africana en la región metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), desarrollado en el KAIPORA - Laboratorio de Estudios Bioculturales de la Universidad del Estado de Minas Gerais. Buscamos reflexionar sobre el encanto de las hojas a partir de los relatos de las autoridades tradicionales que encarnan los saberes de los terreiros. Las experiencias mediadas con y por las hojas conforman la memoria y la (re)existencia de estos pueblos en la diáspora.

Palabras clave: Aprendizaje, Hojas, Terreiros, Voces.

Learning with and through the enchantment of leaves.

Abstract

In the awakening of the leaves (ewés, insabas) in traditional territories of African origin _terreiros_ we find unique ways of knowing and doing that are endowed with axé (vital force). These are ways of knowing and doing that bring about ways of building and perpetuating the ancestral knowledge of the people of terreiros. In this sense, this paper focuses on the Onã Ewê Project: the path of the leaves in the terreiros of religions of African origin in the metropolitan region of Belo Horizonte (RMBH) developed at KAIPORA - Laboratory of Biocultural Studies at the State University of Minas Gerais. We seek to reflect on the enchantment of leaves based on the narratives of traditional authorities who embody the knowledge originating from the terreiros. The experiences mediated with and by the leaves compose the memory and (re)existence of these people in the diaspora.

Keywords: Learning, Leaves, Terreiros, Voices.



Os terreiros como espaços de (re)existência

Ao pisar em um terreiro de candomblé encontro vivências, memórias e afagos que porventura são tecidas nas relações entre humanos e não humanos. Ouso iniciar as reflexões deste texto saudando a divindade da comunicação; o primeiro a ser evocado nas tradições de matriz africana, Esú. *Agô Babá mi Esú* (Licença, meu pai Esú) permita-me “arriar” vosso ebó e discorrer sobre os saberes e práticas de seu povo. Segundo a Iyalorísá Beata de Iyemonja¹ é necessário o diálogo sobre o conhecimento que emerge dos terreiros; ela nos dizia: [...] “*comunicar é expandir conhecimento. Sobretudo numa realidade em que as religiões de matriz africana, não sendo hegemônicas, são discriminadas. A fala é decerto um instrumento de defesa. Uma arma que repercute vozes que outrora foram silenciadas*” (SILVA, 2008).

Dialogar com povos e comunidades tradicionais (PCTs) é caminhar na contramão do racismo estrutural e epistemológico que historicamente viola e extirpa os saberes e fazeres que se constituem na diáspora. Entende-se ser preciso primeiramente apontar alguns marcos legais que tratam dos PCTs - dentre eles os povos de terreiro. Segundo o decreto 6040/07, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, os PCTs são definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e **usam territórios e recursos naturais** como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, **utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição** (BRASIL, 2007, grifo nosso).

Vale ressaltar que a referida legislação afirma que os territórios tradicionais são espaços nos quais emergem relações sociais, políticas, organizacionais e cosmológicas. Corroborando com a PNPCT, destaca-se o Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2013-2015) que compreende os povos de terreiro como:

grupos que se organizam a partir dos valores civilizatórios e da cosmovisão trazidos para o país por africanos para cá trasladados durante o sistema escravista, o que possibilitou um contínuo civilizatório africano no Brasil, constituindo territórios próprios caracterizados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços à comunidade. (BRASIL, 2013, p. 12)

Os documentos supracitados agem na contramão do apagamento e da subalternização das relações estabelecidas nestes territórios e assegurada nos princípios da PNPCT, quão importante é o “reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais, levando-se em conta, [...] etnia, raça, gênero, idade, religiosidade, ancestralidade”. Ainda neste tocante nos diz que não se deve “desrespeitar, subsumir ou negligenciar as diferenças dos mesmos grupos, comunidades ou povos ou, ainda, instaurar ou reforçar qualquer relação de desigualdade”.

Pontes (2006, p. 35) afirma que os terreiros compõem “um fenômeno cultural e religioso disperso por todo o território nacional, que em cada região possui uma denominação, além das variantes rituais e simbólicas diversas”. Estes espaços são lugares de (re)existência, resistência e aquilombamento de negras e negros que se expressam no batuque, tambor de mina, umbanda,

¹ Autoridade tradicional do povo yorubá (Ketu), foi fundadora do Ilê Asé Omiojuaro no estado do Rio de Janeiro. Mãe Beata, como ficou conhecida popularmente, foi defensora dos direitos humanos, atriz e autora de livros como: *O carão de dendê: sabedoria dos terreiros*, publicado em 2006 pela Editora Pallas.

Aprendendo com e pelo encantar das folhas

omolokô e candomblé [vertente a qual direciona este texto]. Sobre a constituição do candomblé, Góis nos conta que este processo se deu a partir de diferentes grupos étnicos. O autor afirma: “temos candomblé de Ketu para os grupos da Nigéria e do Benim de língua *yorubá*; candomblé *Jeje*, *Efon* e *Ijexá*, também do Benim e candomblé de Angola que abrange os povos do grupo linguístico banto (GÓIS, 2013, p. 325). Não se pode, todavia, deixar de mencionar que o encontro destes povos tece o complexo sociocultural e religioso que encontramos nos terreiros. O agrupamento de saberes e fazeres por estes povos que chegam ao território brasileiro oriundos do período escravocrata representa uma estratégia de existir na diáspora “uma poderosa condensação do espaço-cultural, [...] através do sagrado, uma espécie de *continuum* africano na diáspora” (GOMES, 2009, p. 20).

Os povos de terreiro são ligados ao ambiente integrando humanos e não humanos, conformando um universo singular e específico. A cosmovisão africana carrega a compreensão de uma vivência integral entre humanos e não humanos. Nesta perspectiva, estes não se desassociam (KARENGA, 2009). Estes possuem sua relação alicerçada nas vivências com a natureza através dos *orisás*, *nkises* e *voduns*, divindades do panteão africano *yorubá*, *bantu* e *efons*, respectivamente. Cabe destacar que em diversos terreiros encontramos o culto aos ancestrais divinizados oriundos do território brasileiro (encantados, caboclos, boiadeiros e outros). No ambiente/natureza são constituídos os saberes/conhecimentos que propomos enlaçar no tecer do *ebó epistemológico* proposto por Luiz Rufino. O autor (2019, p. 86) afirma que o saber dos terreiros “opera no alargamento da noção de conhecimento; para isso, os seus efeitos reivindicam uma transformação radical no que tange às relações de saber/poder”. Nestes territórios encontramos diversos modos de aprender as práticas ancestrais que tecem a dinâmica da tradição de matriz africana. Refletindo sobre a dinâmica de aprendizagem nestes territórios, Iyá Egbé Vanda Machado (*Ilê Opo Afonjá* / Salvador, BA) considera que nos terreiros o ato de aprender e ensinar é assentado em um lugar atemporal onde os saberes dão continuidade à cultura tradicional de um povo (MACHADO, 2013).

Partindo da narrativa supracitada, defendo que a tradição de (re)existência estabelecida nos terreiros dialoga com a perspectiva de saberes apresentada por Toledo (2008, p. 101). Os terreiros, como espaços biomíticos dos povos oriundos do continente africano, são lugares de corporificar os “*testemunhos*”, uma vez que toda a relação estabelecida entre humanos e não humanos é sentida individualmente e coletivamente (egbé)². Desta forma, a experiência e as vivências nestes territórios tendem a fomentar que a aprendizagem seja tecida no chão dos terreiros, corporificando identidade e pertença. O aprender nos terreiros transcende a perspectiva de aquisição de conhecimentos, mas adensa o “estar no mundo” (OLIVEIRA E ALMIRANTE, 2017). Na perspectiva de salvaguardar as memórias que emergem dos terreiros, o presente texto visa dialogar com as narrativas de autoridades do candomblé sobre os saberes/práticas que envolvem o universo vegetal (folhas, sementes e afins), à luz da complexibilidade sociocultural de seus territórios *encantando folhas*.

² Segundo Machado (2010, p. 7) *egbé* é uma construção de muitos filhos, pais, mães e muitos irmãos como a família ancestral trasladada na memória do povo negro na diáspora. Um zelo primoroso pela preservação do sagrado.

Folhas, Ewês e Insabas: encontros entre humanos e não humanos

Desde 2018, o Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais da Universidade do Estado de Minas Gerais, vem desenvolvendo ações relacionadas aos povos tradicionais de matriz africana buscando tecer narrativas construídas nos terreiros (unidades territoriais tradicionais). Assim nasce o projeto *Onã Ewê*: o caminho das folhas nos terreiros de religião de matriz africana na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Tendo como abordagem metodológica o uso de entrevistas semiestruturadas com autoridades tradicionais realizadas nos terreiros. À luz da proposta de Amaral (2018), as entrevistas desenvolvidas nos territórios são uma opção metodológica compreendendo que o estímulo visual dos espaços são estímulos para a narrativa. Tais imersões buscaram compreender a circulação das plantas nos terreiros, assim como os saberes e fazeres a elas relacionados. As entrevistas foram transcritas obedecendo rigorosamente ao conteúdo das narrativas e posteriormente textualizadas.

As plantas são dotadas de agências e compõem o complexo sociocultural multiespecífico nos terreiros. Neste sentido interagem com os demais entes do terreiro, estabelecendo alianças que tecem o conhecimento ancestral destes territórios. As interações entre agentes humanos e não humanos (*orixás, inkises, voduns e encantados*) demonstram o caráter dinâmico das folhas. O universo vegetal ultrapassa as dimensões físicas que denotamos a ele, demonstrando sentidos outros que nele habitam. As plantas são atravessadas por vivências e experiências que tecem territorialidade multiespecífica sempre em movimento. Na cosmovisão africana tecida na diáspora todos os elementos são interligados e compõem a tradição dos terreiros. Este ensaio tem como intuito tecer encontros sobre a participação e o ato de aprender com e pelas plantas através de narrativas de autoridades tradicionais dos povos de matriz africana da RMBH. Assim, convido para compor este *ebó*, que percorre na contramão do racismo epistemológico, a alguns de nossos interlocutores, a Mam'etu dya nkise *Oiassimbelecy* | Mãe Rita de Matamba³ e Babalorisá Everton de Iyemonjá.

Mam'etu dya nkise Oiassimbelecy | Mãe Rita de Matamba (Figura 1), nasceu em Belo Horizonte, iniciada por *Tatetu Kisindamogy* candomblé *Bantu* / Angola, raiz Goméia, benzedeira, parteira, fundadora do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana em Minas Gerais e ativista dos direitos humanos. Iniciou sua trajetória junto a matriz africana aos 13 anos de idade no omoloko¹ na tenda espírita São Bartolomeu/Belo Horizonte.

Babalorisá Everton de Iyemonjá (Figura 2), nasceu no Rio de Janeiro, iniciado no candomblé Ketu/Yorubá aos 15 anos de idade. É autoridade tradicional do Ilê Asé Ogodo L'omiwa, casa de Candomblé Ketu descendente do Ilê Asé Omiojuaro/RJ. Atua na defesa do meio ambiente, sobretudo da represa de Vargem das Flores (Contagem/MG).

Nos desdobramentos deste trabalho vivenciamos, observamos e registramos os saberes e fazeres relacionados às plantas e o quão estes seres vegetais são agentes na vida dos povos tradicionais de matriz africana. Nestes encontros, nota-se que as plantas são agentes que ao serem encantados compõem a corporeidade do povo e compõem diferentes modos de aprender/ensinar. Como nos diz Silva, et al. (2017, p.35) “o povo é diferente e seu saber é fruto de uma tradição [...] que está viva, que é transmitida e atualizada”.

3 Cabe destacar as tessituras deste texto, além de evidenciar que os saberes destes povos se conformam em agradecimento aos momentos que nosso laboratório vivenciou ao lado de grandes agbás (anciãs) do candomblé de tradição Bantu/Angola em Minas Gerais: Mametu Oiassimbelecy e Mam'etu Sambugykân que atravessam o grande rio e se encantaram no ano de 2021 deixando o seu legado e marca em cada um de nós.





Aprendizagem mediada com as plantas

Nos conta um ìtan que Òsányìn/Katendê é aquele que possui o poder das plantas e detém os segredos a elas destinados. Este ìtan explica que “o conhecimento da cura e dos males e das doenças, Òsányín aprendeu quando menino andando pelas matas. Sabia o encantamento certo de cada uma das folhas existentes e guardava os remédios que preparava em cabaças. (Mãe Stela de Òsósì)”. Assim, peço permissão ao senhor dos segredos para refletirmos sobre aprender cantando e encantando folhas.

Ewé wá sá, Erú èjé

(Venham, acordem as folhas)

Diversos autores apontam que as plantas participam ativamente da relação entre humanos e não humanos nos terreiros (COSTA e VITORINO, 2020; SANTOS, 2014; BARROS, 2011). Assim, demonstra o Babalorisá Everton de Iyemonjá (2019): “*Elas participam da vida nos terreiros, são nossas defensoras. Existem ìtans, odus que explicam que os terreiros necessitam de muitas folhas, muitos Babá Igbí, que são as representações vivas de nossos ancestrais. Onde não há folha, não há Orixá, nós dependemos muito de folhas, dependemos muito de árvores, muito de água, muito de fogo, muito do ar, do vento, da brisa, da tempestade. Dependemos muito do que a natureza nos doa pois somos cultuadores destes elementos*”.

Baba Everton traz em sua narrativa o quão presente está o universo vegetal nos terreiros e quanto são essenciais para compor a complexibilidade sociocultural destes territórios. Assim, aspiro que o ato de educar e ser educado com o universo vegetal é essencial para a preservação da tradição e dos territórios.

Este caminho nos leva a “educação como axé”, este conceito é um “fenômeno educativo em sua radicalidade, fenômeno oriundo da existência e da dinâmica das energias vitais - axé” (RUFINO, 2019, p. 70). Axé “é vitalidade do candomblé o que traz vida e dinâmica. Isso é o axé” (Baba Everton, 2019). Partindo da energia que emana dos territórios encontramos os saberes relacionados ao universo vegetal, que por sua vez estão dispersos entre os espaços que compõem a edificação física do terreiro ou em áreas externas. Durante as entrevistas, os interlocutores afirmaram que os terreiros devem possuir áreas reservadas ao espaço mato (*Ewê Igbó*), porém é necessário destacar que o avanço da urbanização destes recintos ficou cada vez mais diminuto.

As plantas ocupam espaços de destaque nos terreiros, ao adentrar no *Ilê Asé Ogodo L'omi-wa* nos deparamos com a presença de *Babá Irokó (Gameleira Branca)*, compondo o universo vegetal do terreiro e com sua magnitude se faz agente de aprendizagem para os filhos e filhas da ilê Asé. Barros (2011, p. 28) aponta que as árvores e todas as suas partes são usadas em ritos e no cotidiano da comunidade (egbé) de terreiro; por vez aquelas que são sacralizadas são adornadas com um tecido de cor branca - *ojá funfun* (Figura 3)

Para os povos que se constituem na diáspora, as árvores compõem a complexibilidade de seus territórios sendo “consideradas moradas dos deuses e ancestrais” (COSTA e VITORINO, 2020). Assim, o universo vegetal nos terreiros constitui os modos em o axé opera como instrumentos de aprendizagem com e pelas plantas. Mam’etu Oiaticbelecy, nos contou que o movimento das plantas esteve em sua história de vida desde a infância: “*quando criança eu passava e observava uma planta - achava superinteressante – mas não tinha quem me ensinasse. Gostava muito de uma árvore o “para raio” que me chamava atenção, mas eu não sabia o porquê.*” Mãe Rita nos dá uma valiosa interpretação de educação como axé, ou seja, o quão as plantas como radical vivo que reverbera nas memórias e na corporeidade dos sujeitos. Dialogando com Machado



(2010) o pensamento afrodiaspórico constitui sentidos, vivências, corpo e ancestralidade. Assim, “tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade, que não se presta a explicações reduzidas, a categorias que fragmentam sentidos” (MACHADO, 2010, p. 8).

O aprender perpassa pelas experiências com e nos terreiros que convergem para a oralidade como instrumento de transmissão e salvaguardar dos saberes dos territórios. Vansina (2011, p. 139) citada por Ferreira (2021) afirma que “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais. [...] A palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas”. Em outras palavras, o conhecimento sobre as plantas se encanta e é desempenhado ao longo do tempo no passar das gerações. Como demonstrou Mãe Rita (2019):

Tem ervas que eu aprendi com minha mãe de santo também com as entidades dela. Com minha cunhada Helena - que é minha comadre - os saberes das ervas foram passados para ela, por um senhor que foi escravizado. Assim a gente vai aprendendo a cada momento. Com as entidades que incorporam na gente - quando você está em sintonia - também aprendemos (Mãe Rita, 2019).

O conjunto de saberes e fazeres dos terreiros são tecidos nas tradições para que seja possível entrelaçar vivências, memórias e afetos no processo de aprendizagem. Goldman (2005, p. 109) destaca que “aquele que deseja aprender alguma coisa no candomblé sabe muito bem, e desde o início, que é inútil esperar ensinamentos prontos e acabados de algum mestre, e que deve tratar de ir reunindo pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali”. A aprendizagem rompe com a perspectiva ocidental de mestre-aprendiz, pois não há momento específico que se fundamenta no cotidiano dos terreiros. Assim nos descreveu Babá Everton o processo de aprendizagem como axé, dizendo: “Aprender no candomblé é oral e visual. Você acompanha os mais velhos sempre é dessa forma. O candomblé vive não sobrevive de suas tradições, mas em suas tradições. O conhecimento da folha que pode, a folha que não pode, o horário - de colher- realmente sobrevive de boca em boca [oralidade]. O ensinamento vem no momento que você menos espera”.

Os modos que se ensina e aprende nas tradições de matriz africana são peculiares e específicos, perpassam desde a estrutura física à construção epistemológica dos povos que circularam o território. Assim, a aprendizagem depende do complexo sociocultural destes povos pois prevê uma relação entre os sujeitos envolvidos (humanos e não humanos) sem a dualidade de mestre-aprendiz (Castanha, 2018). Portanto, a aprendizagem tende a acontecer quando o “aprendiz” percebe o mundo em que vive e se ampliam as possibilidades do ser, tendo a experiência como instrumento essencial para a educação com axé (Steil e Carvalho, 2012).

Ao percebermos o mundo compreendemos a natureza (ambiente) como parte do caráter animado (*animacy*) e que “cada um dos seres que aí se faz presente está enredado no destino de outros. Contribui para este destino ao mesmo tempo que se nutre dele [...]” (Rabelo, 2012, p. 119). Segundo Almada e Venâncio (2019, p. 75), ao superarmos a perspectiva do conhecimento hemegônico sobre a natureza podemos aprender com/no mundo pois nos colocamos atentos ao território. Corporificando estes conceitos, Iyá Beata de Iyemonjá nos desafia a discorrermos sobre a perpetuação das tradições de matriz africana partindo dos saberes e fazeres de seus ancestrais. Temos de [...] preservar os ensinamentos de nossos ancestrais que nos diziam que “sem folhas não haveria orixá”. Consequentemente este dito africano não se refere somente às ervas tão indispensáveis, mas, também, aos outros elementos.

Figura 3: na p...
(Gameleira Bra...
L'omiwa / Foto...
(2020).

As plantas como agentes de aprendizagem são potencializadas pela oralidade, que constitui a integração de diversos saberes que tecem a relação entre humanos e não humanos. Ao tratarmos deste encantar das folhas, busca-se aprender com e pelas folhas, rompemos com a perspectiva de uma educação mediada apenas por humanos. Conforme aponta Carvalho et al., (2020, p. 147) “*the agency of these plants changes the human-centered or privileged teaching-learning hierarchy among humans*”.⁴ Para os povos de terreiro as plantas são dotadas de força vital, assim o dinamismo do universo vegetal produz memória, experiência e educação. A rigor, este processo convoca a aprendizagem como axé – apontada anteriormente – para então compreender os terreiros como espaços de (re)criação e perpetuação de saberes e fazeres ancestrais. O ato de aprender se dá no tecer dos conhecimentos ancestrais, das memórias e vivências. No que tange ao universo vegetal elas “ensinam, porém havemos de nos silenciar profundamente para ouvi-las” (RUFINO, 2021, p. 6). Ressalta-se que esse ouvir as plantas na perspectiva teórica nos convida a mergulharmos em literaturas outras que potencializam novos olhares e expandem os modos que experienciamos o território.

Considerações finais

O universo vegetal dos terreiros nos convida a adentrar na complexibilidade sociocultural dos povos tradicionais de matriz africana tecendo significados que nos colocam como parte da natureza, encantando nossa corporeidade para potencializar outros modos de ensinar e aprender. A oralidade tão presente nestes territórios envolve muitos elementos encantando afetos, vivências e memórias. Desta forma, para que seja proporcionado o entrelaçar da educação como asé, este instrumento de perpetuação de saberes e fazeres é “um elemento fundamental para materializar os rituais [...] construir cadência, encanto e harmonia” (SILVA, 2018, p. 227).

Por fim, encontramos corporificada nas narrativas dos interlocutores que dialogam conosco no decorrer deste texto que as plantas potencializam envolvimento, emoções e transformações. Ao sentir a natureza, os povos tradicionais de matriz africana consolidam os conhecimentos ancestrais, que são cotidianamente perpetuados, criados e recriados pela interação entre agentes humanos e não humanos.

Referências

ALMADA, E. D.; VENANCIO, B. Pode a natureza falar? Perspectivas para uma educação ambiental multiespécie. **Revista Interdisciplinar Sulear**, v. 9, p. 67–81, 2019.

AMARAL, K. C. A. V. **“A gente cuida do cerrado porque ele cuida de nós”: um diálogo entre educação, ambiente e saberes tradicionais**. 2018. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BARROS, J. F.P. **A floresta Sagrada de Ossaim: o segredo das folhas**. Pallas Editora, 2011.

⁴ Tradução: a agência dessas plantas muda a hierarquia de ensino-aprendizagem centrada no ser humano ou privilegiada entre os seres humanos.



BRASIL. Decreto n. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF. 2007.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 20 de set. 2022.

BRASIL. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana 2013 - 2015**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/plano_nacional_desen_sustentavel_povos_comunidades_trad_matriz_africana.pdf. Acesso em: 10 de out. 2022.

CASTANHA, T. D. O Candomblé como contexto de aprendizagem na prática: apontamentos iniciais. In. **X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE)**. Uberlândia, 2018.

CARVALHO, et al., Learning from a more-than-human perspective. Plants as teachers. **The Journal of Environmental Education**, v. 51, n. 2, p.144–155, 2020.

COSTA, H. S. VITORINO, C. C. Terreiro Tumbenci e o uso das plantas que curam: Mutalombô e Catendê, protegi os nossos corpos. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 367-380, 2020.

FERREIRA, M. **Redes educativas e os cadernos/diários: crianças e jovens na educação de terreiros**. Rio de Janeiro, Esteio Editora, 2021.

GOIS, A. J. As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e sistema religioso (Studies concerning Candomblé: its space and its religion system). **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 11, n. 29, p. 321-352, mar. 2013.

GOMES, A. M. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: Terreiros, Quilombos, Quintais da Grande BH**. 2009, 272 p. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GOLDMAN, M. Formas do saber e modos do ser: observações sobre a multiplicidade e ontologia no Candomblé. **Religião e Sociedade**, v. 25, p. 102-120, 2005.

KARENKA, M. A função e o futuro dos Estudos Africana: Reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. In: NASCIMENTO, E. L. (Org). **Afrocentricidade: uma abordagem inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 333-360.

MACHADO, V. **Pele da cor da noite**. Salvador, EDUFBA, 2013, 151 p.

MACHADO, V. **Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias**. VI ENECULT: encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador – BA, 2010.

OLIVEIRA, A. ALMIRANTE, K.A. Criança, terreiro e aprendizagem: um olhar sobre a infância no candomblé. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, p. 273-297, set -dez, 2017.

PONTES, A.C. O candomblé no Brasil e em Belo Horizonte. In. **Heranças do Tempo: tradições afro-brasileiras em Belo Horizonte**. Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura, 2006. p. 35-54.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro, Editora: Mórula, 2019, 163 p.

RABELO, M.C.M. Construindo mediações nos circuitos religiosos afro-brasileiros. In. STEIL, C.A. CARVALHO, I.S.M. (Org.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. p. 103-119.

SANTOS, M.S.A. **O que as folhas cantam (para quem canta folha)**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2014.

SILVA, I.A. A contação de história como uma prática intercultural de educação. In. TETTAMANZY, C.M.S. SANTOS, C.M. (Org). **Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas ameríndias e brasileira**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018, p. 221 -232.

SILVA, et al., Memórias e Saberes nos quintais urbanos de Ibirité/MG. In. ALMADA, E. D.; SOUZA, M. O. (Orgs). **Quintais: memória e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017, p. 31-43.

SILVA, G.C.S. **Os “fios de Contos” de Mãe Beata de Yemonjá: Mitologia afro-brasileira e Educação**. 2008,193p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

STEIL, C.A. CARVALHO, I.S.M. (Org.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. 237 p.

TOLEDO, V.M. BASSOLS, N.B. **La memoria biocultural: la importância ecológica de las sabidurias tradicionales**. Barcelona, España. Icaria editorial, 2008. p.232.

